



SENTIDOS DE MORTE EM UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE PSICOLOGIA

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Henrique Augusto Brust de Jesus
Antonio Roazzi

Resumo: O presente artigo teve como objetivo levantar os possíveis sentidos de morte presentes na população de estudantes universitários do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, mapeando quais concepções de Morte surgem em meio a estes alunos durante seu período de graduação. Compreende-se a formação em psicologia enquanto um momento de ricos aprendizados sobre a vida, onde os alunos se deparam intimamente com sua subjetividade, valores e perspectivas existenciais, sendo assim, faz-se importante conhecer de que modo tais vivências impactam suas perspectivas sobre a morte. O estudo contou com a participação de 57 graduandos (20 de sexo feminino e 37 de sexo masculino), de idades variando entre 17 e 45 anos, e distribuídos ao longo de 13 semestres acadêmicos do curso de graduação em Psicologia da UFPE. O método de análise do corpus foi feito através da proposta fenomenológica psicológica descritiva (Giorgi, 2017), na tentativa de aproximação das essências contidas nos relatos obtidos. Foram descritas quatro categorias de maior representatividade de sentido sobre a morte, seguidas de subcategorias pertinentes ao tema, sendo estas: 1.Fim, contendo as subcategorias: 1.1 Fim de uma experiência e 1.2 Fim de um corpo físico; 2. Continuidade, com subcategoria: 2.1 Vida após a morte; 3. Impacto Afetivo, contendo as subcategorias: 3.1 Morte ansiogênica e 3.2 Luto; e, 4. Acúmulo biográfico, com a subcategoria: 4.1 sentido existencial. Os sentidos de morte encontrados dialogam com concepções teóricas clássicas da psicologia da morte e refletem achados já encontrados em meio a esta população em estudos anteriores.

Palavras-chave: morte; sentido; universitários; psicologia; fenomenologia.

Abstract: The present article aimed to raise the possible meanings of death present in the population of university students in the Psychology course at the Federal University of Pernambuco, mapping which conceptions of Death appear among these students during their undergraduate course. Psychology training can be understood as a moment of rich learning about life, where students are intimately faced with their subjectivity, values and existential perspectives, therefore, it is important to know how such experiences impact their perspectives regarding death. Fifty-seven undergraduate students (20 female and 37 male) participated in the study, ranging in age from 17 to 45 years, and distributed over 13 academic semesters of the undergraduate course in Psychology at UFPE. The method of analysis of the data collected was carried out through a descriptive psychological phenomenological proposal (Giorgi, 2017), in an attempt to approximate the essences contained in the reports obtained. Four categories of greater representativeness of meaning about death were described, followed by subcategories relevant to the theme, which are: 1.End, containing the subcategories: 1.1 End of an



experience and 1.2 End of a physical body; 2. Continuity, with subcategory: 2.1 Life after death; 3. Affective Impact, containing the subcategories: 3.1 Anxious death and 3.2 Mourning; and, 4. Biographical accumulation, with the subcategory: 4.1 Existential meaning. The detected meanings of death dialogue with classic theoretical conceptions of the psychology of death and reflect findings already found among this population in previous studies.

Keywords: death; meaning; college students; psychology; phenomenology.

Introdução

Tão imediata quanto a vida, a morte se faz flagrante todos os dias, apresentando-se através de várias faces como o luto, suicídio, questionamentos existenciais, concepções religiosas e diversas manifestações culturais que irão permear o percurso biográfico frente a inevitabilidade iminente de finitude. Já desde a segunda metade do século XX a psicologia começou a dar seus passos na tanatologia, encontrando a resistência de profissionais que oferecem recusa a adentrar as ansiedades circunscritas pelo assunto.

Nesta virada para uma conscientização da morte pela psicologia, começou-se a responder a complexidade de objetos de interesse teórico como a própria morte, o morrer, o luto, o suicídio e os comportamentos suicidas (Feifel, 1974), além de outros conceitos forjados pela ciência recente que serão mais adiante explicitados neste trabalho. Diante da amplitude de maneiras de compreender o fenômeno da morte, pensá-la é fundamental para o psicólogo enquanto profissional que almeja trabalhar os assuntos da subjetividade humana e que em seu trabalho será confrontado com demandas emocionais intensas envolvendo a morte e o morrer. Sendo assim, entender como o profissional de psicologia compreende a morte é também conhecer como se dá a compreensão do tema em seu momento de formação. Como posto por um dos precursores do movimento pela conscientização da morte, Herman Feifel (1974), o grande desafio será educar o jovem psicólogo clínico para a ideia de que a morte é uma preparação para a vida.

É sabido que os alunos de graduação em psicologia são frequentemente expostos a questões que engatilham a reformulação de suas próprias concepções sobre identidade, personalidade, existência e sociedade, sendo todos estes, temas que orbitam o viver. Porém, a formação em psicologia frequentemente negligencia a morte em seus



currículos, não havendo preparo adequado para elaboração do tema (Junqueira & Kovács, 2008; Kovács, 2016), assim, o aprendizado se faz por meio de reflexões próprias e solitárias, advindas de vivências individuais ou reflexões periféricas não formalmente guiadas sobre o assunto. O tema da morte quando discutido em sala de aula tende a ser desenvolvido unicamente quando as disciplinas versam sobre existencialismo e as implicações da finitude (Junqueira & Kovács, 2008). A morte traz ainda consigo para os estudantes de saúde a reflexão sobre o sentido da vida e as ansiedades envolvendo a finitude, podendo-se flagrar o medo presente nestes alunos ao se depararem com tais temas (Aquino et al., 2010). A única revisão de literatura envolvendo articulações diretas entre a tanatologia e estudantes de psicologia no país (Faraj, Cúnico, Quitana, & Beck, 2013) aponta insuficiências de produções, o que atualmente ainda permanece sendo o caso no Brasil. A literatura brasileira atual apenas constata o que já havia sido asseverado por Kastenbaum (2000): a morte é um tabu e se mantém como um assunto pouco caro à psicologia.

Há então a importância de se mapear o que estudantes de psicologia pensam sobre a morte, explorando quais as concepções mais próprias carregadas pelos mesmos quando estes se encontram permeados por tantas concepções teóricas que incidem diretamente sobre sua visão de mundo. A esse resgate, o presente trabalho surge como uma oportunidade de conhecer quais sentidos de morte são presentes em alunos da graduação em psicologia de maneira ampla, buscando a perspectiva fenomenológica para adequada e rigorosa fundamentação ao tema. O recorte dado pelo método fenomenológico psicológico descritivo desenvolvido por Giorgi (2017) almeja ir além da interpretação discursiva dos dados coletados através de uma proposta de fenomenologia empírica descritiva, pautada nas vivências da consciência e seus sentidos, e que se embasa nos pressupostos epistemológicos de Edmund Husserl mais adiante apresentados. Assim, a exploração idiográfica pretende ir ao cerne da vivência e explorar um campo ainda virgem e promissor para a psicologia no país: os sentidos de morte em estudantes de psicologia e as estruturas psicológicas subjacentes a estes sentidos.

*Morte: Perspectivas na Psicologia*

Nesta sessão, versa-se brevemente sobre as contribuições da psicologia ao longo da história para a tanatologia. O intuito é tentar cumprir um levantamento das principais conceituações e aportes teóricos envolvendo a morte ao longo da psicologia nas visões de: Freud, Jung, Heidegger, Frankl, Klüber-Ross, Kastenbaum, da Teoria do Gerenciamento do Terror e das contribuições das ciências comportamentais.

A natureza funcional da morte na psiquê é discutida por Freud através da dicotomia Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte). A dicotomia entre esses conceitos pulsionais resulta na concepção de que a finalidade da vida seria atingir a morte, o que representa uma dinâmica de complementaridade, indo em direção à identificação da morte pelo referido autor como o substrato inorgânico de onde toda a Vida emergiu e para onde todo organismo tem a tendência de retornar através de seus próprios meios. Seu trabalho polêmico intitulado *Além do Princípio do Prazer* desenvolve que a função de Tânatos seria de aliviar o organismo de suas tensões progressivamente, evocando à consciência a repetição de eventos, levando-o a um estado inicial de inércia e baixa energética e, conseqüentemente de autodestruição em sua definição, sendo capaz de resultar na morte. Em contrapartida, o Eros é explorado como a pulsão que direciona esforços para a manutenção da vida e construção de estruturas mais complexas e adaptativas do organismo com a finalidade de extinguir a possibilidade de aniquilação por fatores externos ao mesmo. Sendo assim, Eros dá ao organismo a oportunidade de trilhar o caminho para a morte ao seu próprio modo, enquanto Tânatos executa a dispersão de estruturas, conduzindo à destruição (Freud, 1950/1920).

O tema da morte também é desdobrado por Freud na diferenciação entre Luto e Melancolia. Ambas as condições implicam numa perda de investimento no mundo, diminuição da realização de atividades e incapacidade de amar, porém, o autor identifica no luto uma condição não patológica na qual o mundo se torna apenas vazio, desencadeada pela perda de um objeto uma vez investido. Já na melancolia, o ego se torna empobrecido e esvaziado e o sujeito envilece a si próprio com autocríticas. No luto, a libido é retirada obrigatoriamente do objeto amado, criando uma situação de



oposição a esta nova instância de perda. O ego resiste a reinvestir a libido em outros objetos substitutivos, e a destituição do investimento se dá em um processo muito gradual que revisita cada expectativa e memória do objeto perdido, e, quando o luto se dá por completo, o ego se torna livre e desinibido novamente (Freud, 2013/1917).

Tomando outros caminhos teóricos sobre o tema, Jung (2013/1934) traz metaforicamente o sentido natural da vida em direção à morte e busca entender como esta morte surge à consciência. Na metáfora proposta pelo mesmo, durante o período de juventude a vida segue o rumo de uma subida, almejando alcançar o topo da montanha e que, logo após alcançado o cume, a mesma se depara com a descida para retornar ao vale de onde o caminho se inaugurou, denotando na segunda metade do processo o decaimento e a velhice. Sendo assim, dá-se conta de que a teleologia da vida não está na sua exuberância, e sim no aparecimento da morte no período de declínio. Analisando pacientes confrontados com a morte, Jung observou que eles dispunham exclusivamente de símbolos de renascimento, viagem e mudança de estados psicológicos, aparentando haver uma falta de interesse do inconsciente em conhecer aquilo que acontece ao indivíduo quando o mesmo morre. Assim, o inconsciente parece possuir desconhecimento e pouca disposição pela morte em si, sendo mais notória uma atitude voltada para o *como* se morre e se a consciência está de acordo com o processo de morrer.

O extenso trabalho da fenomenologia existencial legado pelo filósofo alemão Martin Heidegger (2013/1927) concedeu à psicologia importantes compreensões sobre a experiência do homem diante da perspectiva de sua morte. Heidegger apresenta que todo homem existe como um ser que está inserido num mundo de relações e preocupações cotidianas, ou seja, situado num contexto. Estar situado também confere ao homem a característica de ser um ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*), constituído fenomenologicamente pelas relações com o mundo a sua volta e sendo capaz de existir apenas de acordo com o mundo por ele conhecido. É também própria do homem a capacidade de se colocar a pergunta pelo seu próprio ser e o ser das coisas. Então, este homem é um ser que está lançado no mundo, situado, num espaço, no tempo e em modo de ser: o homem é um ser que está aí, está sempre presente em algum contexto, um ser-aí (*dasein*).



Este *dasein* é também finito, um ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*). Ele sabe do seu fim, e por isso articula suas várias formas de existência em algum lugar do tempo (passado, presente e futuro), pois sabe que seu destino mortal é inescapável, e um dia não poderá mais alcançar o ser e nem estar diante das coisas. Com esta antecipação consciente da morte, o *dasein* se aperceberá daquilo que lhe é mais próprio, numa atitude de fazê-lo retornar à pergunta sobre seu ser, e, em seguida, alterar o seu modo de existir. A competência exclusiva do *dasein* para se perguntar sobre seu próprio ser ao se deparar com o tempo limitado de sua vida causa a abertura para a possibilidade de ampliar os horizontes do ser e mudar, assim transformando fenomenologicamente os limites do mundo a sua volta e situando outra vez a sua existência, tomando novos rumos que o tiram da trivialidade e o levam a um caminho de autenticidade (Heidegger, 2013/1927).

As vivências nos campos de concentração do psiquiatra judeu Viktor Frankl lhe permitiram ver a morte de perto e vivenciar o sofrimento de seu povo durante a Segunda Guerra Mundial. Num contexto onde execuções, suicídios, humilhação e fome eram cotidianos e o destino estava selado, Frankl se pôs a observar as dinâmicas ali presentes e responder de que forma, mesmo em meio a tanto sofrimento e diante de um destino tão cruel, ainda poderia haver uma fonte de crescimento e valores para algumas pessoas ali presentes (Frankl, 2016/1946).

Na linha de raciocínio de Frankl, a visão ontológica da morte inerente ao homem não possui um sentido respondível imediatamente e para explicá-lo precisamos analisar sua função na existência. O autor especula que a infinitude seria para o homem marcada pelo adiamento eterno e legítimo, onde nada precisaria ser realizado, e é por isso que a mortalidade é o que faz a vida urgir, convidando o homem a buscar um sentido para seus atos, pois a cada momento vivido, a escassez de possibilidades se torna mais próxima. A vida, apoiada na finitude da existência, traz consigo a responsabilidade arbitrária daquele sujeito que protagoniza sua própria história, a qual não se pode escapar, cristalizando para si o sentido da sua vida. Ainda que o destino lhe seja inevitável, cabe ao homem optar por suas oportunidades e moldar seu destino (Frankl, 1986).



A pergunta propriamente posta por Frankl sobre tal problema do sentido não é *qual seria o sentido da vida em si, mas o que a vida pede enquanto sentido ao indivíduo*. Nesta virada, o autor argumenta que a vida sempre está clamando por sentido, e isso tira o homem da posição passiva de esperar um porquê e o coloca ativamente responsabilizado por si, em posse de seu livre arbítrio (Frankl, 2016/1946). Ainda, Frankl faz presente em sua obra a máxima *"Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora"* (Frankl, 2016/1946, pág. 233; Frankl, 1986), implicando uma dimensão existencial à consciência para a resolução imediata de sentido frente a possibilidade de finitude – um chamado à responsabilização (Frankl, 2016/1946).

Um maior entendimento sobre o processo de enlutamento e o trabalho com doentes terminais foi uma das grandes contribuições deixadas pela psiquiatra suíça Elizabeth Klüber-Ross. Sua carreira marcada pelo ativismo sobre a realidade da morte nos hospitais foi fundamental para a consolidação do Movimento de Conscientização da Morte americano (Death Awareness Movement) (Feifel, 1974), que deu origem a toda uma variedade de trabalhos sobre cuidados paliativos e processos de enlutamento. Seu seminário em 1965 sobre a Morte e o Morrer, tema inédito na época, foi rechaçado por seus pares, residentes e internos do hospital onde foi apresentado, inclusive com reações publicamente hostis (Klüber-Ross, 1996/1969). Foi por ela teorizado o modelo de terminalidade vivenciado pelos morrentes em hospitais, descrevendo-se em fases gerais a vivência em direção à morte que, com ressalvas da autora, nem sempre são lineares. Este processo de morrer envolveria respectivamente as fases de: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Se acresce também no trabalho que nem todos os doentes terminais teriam a oportunidade de chegar ao estágio final de aceitação de sua própria morte e a elaboração de uma resolução menos conflituosa de seu destino inevitável, muitos ainda falecem no ápice de suas lutas tentando driblar a morte (Klüber-Ross, 1996/1969). Posteriormente, é teorizado pela autora citada (Klüber-Ross & Kessler, 2005) que o mesmo modelo compreensivo de fases do morrer se aplicaria ao processo de luto, servindo como quadro teórico descritivo ao prolongado processo de perda do indivíduo falecido, ou finalizado na aceitação e no convívio com a perda ou vivenciado nas complicações deste processo.



No livro *Psicologia da Morte*, Robert Kastenbaum (2000) empreende um sumário da história da psicologia voltada para a morte, destacando como os sistemas culturais orientam a natureza da morte, a construção de cognições sobre concepções de morte e os desdobramentos de embates na psicologia voltados para o tema. Em uma perspectiva construtivista, Kastenbaum resgata da literatura acadêmica um olhar atento sobre como indivíduos traduzem a morte em si e seus assuntos periféricos ao longo do desenvolvimento humano através de diversos modelos cognitivos. O mesmo identifica que a construção de morte erguida pelo indivíduo adulto tende a possuir menor relevância, é mais instável e demanda menos de sua vida prática, implicando uma maleabilidade e mudança constantes desta concepção, algo diferente do que ocorre para as crianças e adolescentes que dispõem sua atenção a tarefas imaginativas voltadas a construção de sua identidade e concepções de vida. Para o autor, assumir um modelo maduro e estável sobre o que é a morte exige o contato frequente com reflexões da mesma, suscitados nos aspectos práticos da vida de um indivíduo.

Atualmente, grandes contribuições ao tema ansiedade de morte tem sido feitas na área da psicologia social através da expansão da Teoria de Gerenciamento do Terror (TGT). Esta teoria parte dos pressupostos assumidos pela aclamada obra do antropólogo Ernst Becker intitulada *A Negação da Morte* de 1973 (Solomon, Pyzsczynski, & Greenberg, 2015). Em seu trabalho, Becker parte da premissa que a morte é o ponto comum a todos os seres humanos enquanto animais conscientes e que, por serem capazes de se aperceberem de sua mortalidade inadvertida, desenvolvem suas ações e culturas como um meio de evitar tal confronto, de forma que a sociedade se encarrega da função de construir um mecanismo de defesa de negação coletivo. As sociedades, enquanto projetos de imortalidade seriam erguidas em culturas e crenças por vezes díspares entre si, e que em última instância representam ameaças aos projetos de imortalidade distintos, seguindo-se disto conflitos como guerras e genocídio. Como proposto na obra, o insucesso individual em desenvolver uma imortalidade simbólica também é um fomentador nuclear para o sofrimento psíquico atestado na sociedade (Becker, 1973).

A TGT assume os mesmos pressupostos segundo os quais crenças na imortalidade literal e simbólica partem da certeza da inevitabilidade da morte física, e



que os indivíduos inseridos nesta dinâmica se apoiam em uma visão de mundo construída capaz de edificar rituais, governos e instituições para atribuir significado à vida humana (Solomon, Pyzsczynski, & Greenberg, 2015). A autoestima também é incorporada à teoria enquanto valor gerado por crenças presentes na sociedade, criando um recurso que abre diálogo entre o valor do indivíduo em sociedade e a sua capacidade de suportar o terror da morte, para preservar seu sistema de valores através de uma reação defensiva (Greenberg et al., 2004). Em outras palavras, quando o indivíduo é confrontado com sua mortalidade, quanto maior a autoestima, maiores as chances de ele defender sua visão de mundo como mecanismo de defesa, e menores as chances de reações ansiosas referentes à sua própria morte, e vice-versa.

Como último pilar a ser visitado nesta breve síntese, as contribuições de estudos comportamentais mais permissivos à cognição, como nas teorias de Bandura, fornecem uma compreensão mais ampla e convidam a uma discussão mais holística sobre diferentes temas (ex. morte) quando pautados no aspecto da autorreflexão. Sob a luz do conceito de autoeficácia (Bandura, 1997), Fry (2003) identifica que em idosos um menor medo da morte e do desconhecido estaria associado à crença dos indivíduos nos seus potenciais para atingir objetivos específicos em comportamentos interpessoais, sociais, organizacionais, de regulação emocional, de uso de instrumentos, de domínio físico e, especialmente, quando estes idosos são críveis no seu potencial de gerir uma espiritualidade baseada na fé e força interior. Sugere-se que esta crença de autoeficácia se sustenta em estratégias bem consolidadas de *coping* que passaram por uma trajetória seletiva de funcionalidade ao longo da vida até se estabelecerem como ferramentas eficazes na preservação contra vários tipos de ansiedades, inclusive o medo da morte. Em viúvas recentemente enlutadas, Benight, Flores e Tashiro (2011) identificaram que a presença de uma alta crença em suas capacidades de *coping* tendeu a acompanhar um maior bem-estar psicológico e espiritual e percepção de sua saúde física, além de reduzir níveis graves de estresse emocional durante o processo de enlutamento.

A aprendizagem observacional (Bandura, 1977) do comportamento também tem sido empregada na investigação de assuntos direcionados a morte. Importantes estudos que averiguam os impactos da mídia ao comunicar suicídio e os comportamentos suicidas subsequentes, identificam que há relações positivas entre a modelagem de



comportamentos suicidas na população quanto a escolha de métodos similares aos noticiados (ex. aumento de suicídio por sulfeto de hidrogênio após notícias de suicídio grupal por este método) conforme achados de estudos diversos (Kim et al., 2013; Hagihara, Miyazaki, & Abe 2012). Também é identificado um maior aprendizado de comportamentos suicidas quando há similaridades sociodemográficas de idade e gênero entre o indivíduo suicida noticiado e as vítimas dos suicídios subsequentes (ex. suicídio de atriz é noticiado, seguido por aumento suicídios de mulheres na mesma faixa etária e por método de enforcamento) segundo Kim et al. (2013).

Na temática do luto, Molaie e Abedin (2011), constatam que o aprendizado observacional por meio de filmes em contexto de psicoterapia também pode ser utilizado como instrumento para modelar o comportamento e promover bem-estar quando o filme discute sentimentos partilhados com o espectador. Por meio de escalas, os autores constataram que, após exibir um filme narrando as experiências de uma personagem enlutada superando sentimentos de culpa, de rejeição e de falta de explicação para o falecimento, os expectadores enlutados também passaram a apresentar uma melhora nestas dificuldades específicas, amenizando suas experiências de luto e melhorando o quadro de respostas somáticas nos participantes. O estudo sugere que o uso de modelagem do comportamento por aprendizado observacional é uma ferramenta em potencial para desenvolver estratégias de *coping* e a melhora da autoeficácia dos participantes enlutados.

Contribuições outras sobre a compreensão da morte e morrer tem advindo da pesquisa com profissionais da área da saúde, foco de reflexão da seção a seguir.

Significados da Morte para Profissionais de Saúde

A extensão da problemática atual da morte no Ocidente convoca a discussão para contexto hospitalar, espaço dedicado ao prolongamento da vida e batalha contra a morte, onde ela é domada pelo saber biomédico, privada de rituais, silenciada, vergonhosa; é feita morte interdita (Ariès, 2012; Kovács, 2014). Portanto, para entender os sentimentos do psicólogo diante da morte é importante vê-lo onde ela se faz mais presente, ou seja, no âmbito de sua atuação em equipes hospitalares.



O contato com pacientes sem perspectivas de cura é uma situação inevitável a todo momento presenciada por equipes hospitalares. Muitas vezes o medo e aflição diante da presença da morte são suscitados já no período de residência, como explorado em relatos por Barbosa e Lustosa (2011). Os participantes da pesquisa que compõe uma equipe multiprofissional mencionam a carência de preparo emocional diante da terminalidade de seus pacientes, incorrendo em sentimentos de insegurança e por vezes comportamentos esquivos. Segundo Combinato e Queiroz (2006), em grande parte, os problemas emocionais se dão em função de um preparo estritamente voltado a perspectivas de cura na lida com os enfermos, direcionando os saberes acumulados para uma perspectiva de melhora de um quadro de doença.

Entender em profundidade as concepções de morte para estes profissionais também perpassa conhecer como as religiosidades afetam suas perspectivas daquilo que está para além da vida. De acordo com Nascimento e Roazzi (2007), em uma amostra de 80 profissionais hospitalares de Pernambuco e Rio Grande do Norte dispostos entre crenças católica, protestante e espírita, foram encontradas representações diversificadas sobre morte, verificando-se estarem amparadas em suas perspectivas religiosas. A análise categorial demonstrou maior aproximação de profissionais espíritas às facetas de morte enquanto algo metafísico, onde morte suscita categorias “sono”, “passagem”, “fim” e “natural”. Entre católicos e protestantes, as concepções denotam uma aproximação à faceta de tristeza, havendo maior abstracionismo entre católicos e voltando-se para categorias mais macabras entre protestantes. Entre estas duas religiosidades assinala-se a qualidade da morte enquanto um mergulho nos mistérios de Deus e é imbuída de conseqüências, enquanto para os espíritas a morte representa recomeços contínuos, sendo por esta razão, menos ansiogênica. Em estudo posterior (Nascimento & Roazzi, 2008), os autores observaram composições imagéticas da morte nos mesmos relatos destes profissionais de saúde, conferindo categorias de transformação (*Viagem, Figura Humana, Idílica*) entre psicólogas e enfermeiras participantes, e observaram entre médicos de sexo feminino um contexto imagético de *Natureza*, contrastando com composições ansiogênicas entre os médicos de sexo masculino.



Em entrevistas sobre a morte com psicólogos hospitalares, Freitas e Oliveira (2010) encontraram a figuração da morte enquanto um fenômeno pertencente à vida, e nela contendo o seu valor. A pesquisa também observa que a presença da morte e o luto familiar por muitas vezes supera a capacidade destes psicólogos hospitalares de ser envolvido em sofrimento psíquico, conduzindo os mesmos a uma constante necessidade de supervisão e elaboração das questões que envolvem o morrer, contrastante ao ato de reprimir os seus sentimentos.

Diferente dos demais profissionais hospitalares, o fazer do psicólogo se distancia da perspectiva biomédica envolvida na manutenção da vida física, assumindo qualidades de cuidado ao paciente em sofrimento psíquico. Neste envolvimento, podem ser mobilizadores de desconforto a qualidade da relação constituída entre profissional-paciente; o que o paciente representou para familiares; o tempo de acompanhamento; o tipo de morte ocorrida; a identificação com a história de vida do paciente; e as próprias concepções de morte possuídas pelos profissionais (Ferreira, Lira, Siqueira & Queiroz 2013). Freitas e Oliveira (2010), constataam entre psicólogos que a necessidade de melhor preparo ao longo de sua graduação é um fator determinante para o impacto da lida com a morte no cotidiano do hospital. Discute-se que por vezes a morte se faz presente muito antes de um preparo teórico por parte do profissional, o que põe o mesmo em posição de desamparo frente a realidade cotidiana, e esta lacuna torna relevante questionar como se dá a construção da perspectiva de morte durante a formação acadêmica e profissional.

De modo geral, os estudos envolvendo a morte e os operadores da psicologia na morte em hospitais tendem a apontar para a singularidade do fazer do psicólogo neste ambiente, que em geral remete impropriamente ao profissional o dever de ser o único a zelar pelos assuntos da morte e do morrer. A ênfase na necessidade de uma preparação para o assunto é reiterada pelos profissionais de psicologia ao longo dos estudos, não sendo um caminho fácil para os que inauguram sua jornada nos hospitais sem antes possuir alguma formação protetiva no confronto com a morte, o que seria auspicioso na formação acadêmica em psicologia na Graduação, tema da próxima reflexão.

Sentidos de Morte durante a formação em Psicologia



Constatar as queixas e a difícil realidade dos profissionais da saúde e em especial os psicólogos no trabalho diário com a morte convida a uma reflexão sobre como o preparo acadêmico é desenvolvido ao longo da formação para o confronto com estes desafios. A literatura reitera diversas vezes a ausência do tema da morte nos currículos nacionais em psicologia e além de um sentimento da tanatologia ser tratada como pouco importante (Junqueira & Kovács, 2008; Faraj, Cúnico, Quitana, & Beck, 2013; Kovács, 2016; Carnicheli & Casarin, 2018). O desconforto ao tema na Academia não é exclusivamente brasileiro, havendo relatos na literatura sobre o mesmo fenômeno ocorrendo em algumas grades curriculares americanas (Eckerd, 2009). Por outro lado, também é relatado um movimento de valorização da tanatologia em países como a Itália, onde os profissionais de saúde têm a educação para a morte garantida por lei (Testoni et al., 2018).

Eckerd (2009) indica que ao consultar 161 instituições de ensino superior em psicologia do Centro-Oeste Americano, apenas 20,5% ofereceram cursos relacionados ao luto, morte ou morrer nos últimos 05 anos. As razões dadas pelas instituições para a pouca oferta foram principalmente a falta de capacitação profissional (baixo número de programas de pós-graduação em tanatologia), dificuldades na articulação dos currículos acadêmicos e a suposição de que estes cursos estão sendo oferecidos aos estudantes em outras grades curriculares. Eckerd não se furta de hipotetizar o tabu da morte como responsável pelo seu afastamento nas universidades americanas. No Brasil, Kovács (2016) também menciona a falta de currículos que preparem os estudantes de psicologia para trabalhar a morte e o morrer. Para a autora, desfazer o vácuo de uma formação para a morte envolve criar estratégias para discutir o tema como uma maneira de sensibilizar, questionar e situar confrontos de ideias e valores dos alunos para os seus futuros trabalhos envolvendo luto, antecipações da morte, iminência de suicídio, e reflexões morais e existenciais.

Aquino et al. (2010) encontram em uma população de graduandos de psicologia, enfermagem e medicina, a presença de ansiedade referente a morte quando esta implica numa perspectiva de evento rumo ao desconhecido, nas perspectivas de dor e solidão e de fracasso em projetos pessoais, porém indica pouca ansiedade gerada quando a morte



é percebida com indiferença por estes alunos. Postas estas variáveis tão afins das visões de mundo dos estudantes, se faz importante levantar os estudos sobre a morte na formação em psicologia atender a investigação mais descritiva do fenômeno.

Junqueira e Kovács (2008) discutem como se dão os desafios da falta de preparo para o tema da morte em universitários de psicologia, envolvidos num contexto de diálogos superficiais conduzidos por professores que por vezes são incapazes de sustentar o preparo para o confronto com a finitude. É constatado pelas autoras que o aporte do alunado para trabalhar o assunto advém frequentemente de experiências pessoais de luto, evidenciando situações de vácuo no repertório para a futura atuação profissional. É informado que a morte não aparece nas grades curriculares nem como disciplina e em suas ementas. Carnicheli e Casarin (2018) também encontram nesta população a sensação de falta de preparo e um sentimento comum de desconforto ao falar sobre a morte, pois os estudantes se referem às próprias fragilidades frente ao assunto, exibindo uma perspectiva de sofrimento diante da pauta. Também é trazido em revisão de literatura (Faraj, Cúnico, Quitana, & Beck, 2013) a insuficiência da literatura nacional sobre os estudantes de psicologia e sua educação para morte.

Em um estudo direcionado a uma reflexão imaginativa do “*memento mori*”¹ (lembrança da própria mortalidade) de Testoni et al. (2018), 100 estudantes de psicologia e serviço social da Itália, Estados Unidos da América, Japão e Índia foram convidados a completar a frase “Antes de morrer eu gostaria de...”. O estudo encontrou evidência para menos ansiedade entre participantes com uma perspectiva de continuidade para a morte e maior ansiedade entre aqueles que consideram a morte uma aniquilação. Ainda foram apontados paradoxos de crenças onde um terço dos participantes ateus descreveram a morte como continuidade e um terço dos participantes religiosos a descreveram como aniquilação. Hipotetizou-se que são paradoxos originários de uma herança cultural religiosa muito enraizada e, porém, pouco refletida pelos participantes. Foi verificado também que estudantes detentores de crenças em vida após a morte tiveram maior orientação para a dimensão de necessidades de autotranscendência em suas respostas.

¹ *Memento mori*, do Latim, significando: “lembre-se que você morrerá” (Smith, 1998).



Diários sobre morte e luto foram propostos como instrumentos em disciplinas curriculares de psicologia sobre a morte por Doll, Kereakoglow, Sarma e Hare (2014), observando-se o impacto na reflexividade sobre a morte em alunos de duas instituições de ensino americanas. Dos diários que pediam que eles versassem sobre sua morte e seu funeral, concluiu-se que a maioria dos estudantes se fixou na perspectiva de uma morte em idade avançada, não esperando morrer de forma aleatória ou acidental. Alguns fantasiam morrer no sono, cercado por pessoas queridas, algo incompatível com realidade das mortes em idade avançada cujas circunstâncias envolvem hospitalização, sofrimento e isolamento. Os estudantes também discursaram sobre sua preferência em ter seu próprio funeral como um evento significativo. Os autores apuram que dados gerados sobre a fantasia da própria morte podem servir como material para aprimorar cursos de educação para a morte, além de auxiliarem o aluno a desenvolver seus próprios sentidos de morte e dimensionar melhor as concepções de morte alheias. O estudo apostou na perspectiva de uma diminuição das ansiedades de morte nos alunos através da redação dos diários.

Como apresentado, é possível reconhecer que há uma deficiência na educação para a morte no Brasil, o que gera impactos sentidos diretamente nos profissionais de psicologia. Ainda cabe relatar que são poucos os trabalhos que se aproximam de rastrear os sentidos de morte em estudantes buscando um entendimento de como o conceito é articulado nestes alunos que já estão em fases iniciais de seu desenvolvimento profissional. Por estas razões, se torna importante pensar em estratégias que fomentem a inclusão dos temas morte, morrer e luto nos currículos de uma forma efetiva, como proposto por Kovács (2016), e podendo também se utilizar instrumentos que apoiem uma educação de fato reflexiva como tem ocorrido em experiências estrangeiras (Doll, Kereakoglow, Sarma & Hare, 2014; Testoni et al, 2018). Talvez desta forma seja possível apostar no desmanche do tabu da morte, levando os alunos a amenizarem suas ansiedades de morte e se tornarem profissionais mais capacitados ao trabalho do psicólogo que inevitavelmente irá se defrontar com a morte na posição de uma ética do cuidado. Em uma contribuição para esta área, este trabalho vai na direção de um desvendamento de como as vivências de morte e seus sentidos estão se atualizando internamente nestes alunos de psicologia em formação.



Método

Perspectiva do estudo

O estudo de corte idiográfico, na pesquisa qualitativa, com ênfase nas vivências da Morte, exploratório, edificou-se segundo o marco epistemológico e metodológico da fenomenologia em psicologia, em perspectiva husserliana descritiva, como recomendado por Giorgi (2017), com objetivo único e explícito de mapear o campo de sentidos em tela – os sentidos de morte de estudantes universitários de psicologia no contexto formativo da Universidade Federal de Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

Participantes

A pesquisa contou com a participação de 57 estudantes do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que se voluntariaram para responder ao protocolo da pesquisa-mãe intitulada “Autoconsciência, Imagens Mentais e Experiências Místicas: a Religiosidade nos processos de (re)construção do *Self*” (Registro SISNEP FR – 367086, Registro CEP/CCS/UFPE No 337/10), do Dr. Alessandro Nascimento.

A subamostra deste estudo específico dos sentidos de morte foi composta por discentes dos períodos 1º ao 13º do Curso de Graduação em Psicologia da UFPE, sendo 20 do sexo masculino e 37 do sexo feminino, e idades variando entre 17 e 45 anos, de rendas familiares médias.

Instrumentos e materiais

Os instrumentais da pesquisa (bateria de escalas psicométricas, perguntas fenomenológicas abertas, e questionário sociodemográfico) foram aplicados aos discentes, tendo-se 3 perguntas fenomenológicas abertas como protocolo inicial. A 3ª das perguntas (“O que é morte para você?”), foi tomada como recorte empírico deste estudo dos sentidos de morte, com aporte de informações sociodemográficas.

Procedimentos

Os protocolos aplicados iniciaram-se com a bateria fenomenológica, e cada participante teve 5 minutos para responder cada uma das perguntas eliciadoras



apresentadas, incluindo a questão-estímulo deste estudo sobre os sentidos de morte. Os protocolos foram aplicados em salas de aula, também em espaços livres de fortes estímulos externos e no espaço do laboratório LACCOS, no prédio do CFCH/UFPE. Os protocolos foram armazenados no laboratório e enumerados individualmente, os dados seguiram para digitação *ipsis litteris* e posteriormente os arquivos em formato *Word for Windows* foram impressos para seguirem em análise constando também variáveis sexo, idade, período da graduação e numeração de protocolo.

Análise de dados

O método de análise qualitativa escolhido partiu da necessidade de um olhar fenomenológico e intimista para o conteúdo dos relatos obtidos na tentativa de buscar os significados em si mesmos como apresentados no material. Sendo assim, a análise parte da proposta de Psicologia Fenomenológica Descritiva como sugerida por Amadeo Giorgi (2017), a qual coloca como ponto de partida a perspectiva em 1ª pessoa do pesquisador, que deve estar diante do relato enquanto fenômeno e assumir a *epoché* (suspensão de juízo) fenomenológica - postura de pôr em suspensão, afastar os conhecimentos prévios e concepções próprios do pesquisador que possam imperar sobre o material analisado e, a partir disso, possa se tornar claro o que é de fato essencial ao dito fenômeno.

O método proposto tem sua origem na fenomenologia husserliana, que busca a essência do fenômeno num esforço empírico em 1ª pessoa (Husserl, 1983/1913). Em etapas, após a quebra da atitude natural com a *epoché*, o filósofo submete o fenômeno concreto a variação imaginativa livre, verificando como as partes do objeto variam e se o que varia se faz essencial ao objeto para impedir o colapso da essência do mesmo. Redução transcendental o aproxima da essência do fenômeno, oportunizando sua efetiva descrição, o relato de seu eidos (essência).

O método como sugerido para aplicação prática nas ciências empíricas por Amadeo Giorgi (2017), em contraposição, assume a atitude de uma redução fenomenológica psicológica, onde o pesquisador se depara com o fenômeno como um objeto de vivência humana, observado em uma perspectiva psicológica. Os seguintes passos são sugeridos para uma análise psicológica fenomenológica descritiva segundo o



modelo de Giorgi (2017): 1) O pesquisador lê o relato por completo e compreende o senso do que é discutido no texto; 2) O pesquisador assume a postura de redução fenomenológica psicológica; 3) Unidades de sentido são demarcadas no relato, procedimento adotado sempre que o conteúdo apresenta uma alteração de sentido no excerto; 4) Utilizando-se da perspectiva fenomenológica psicológica, o relato é transformado em ênfase da natureza psicológica contida no relato enquanto fenômeno; 5) Em posse das unidades de sentido transformadas, o pesquisador descreve então a estrutura psicológica essencial da experiência, num processo eidético.

Nesta pesquisa, as unidades de sentido utilizadas para a análise foram então organizadas de acordo com suas estruturas psicológicas por categorias e subcategorias para discussão posteriores à análise.

Resultados e Discussão

A partir do uso da metodologia fenomenológica psicológica descritiva proposta por Giorgi (2017), foram feitas descrições da estrutura eidética de vivência da morte nos protocolos. As unidades de sentido transformadas obtidas com maior representação significativa na pesquisa foram agrupadas de acordo com sua estrutura psicológica comum em quatro categorias principais: *Fim*; *Continuidade*; *Impacto afetivo*; e, *Acúmulo biográfico*. Por critérios heurísticos, as categorias foram posteriormente divididas em subcategorias (*Fim de uma experiência*, *Fim de um corpo físico*, *Vida espiritual após a morte*, *Morte ansiogênica*, *Luto*, *Sentido existencial*). Para melhor familiarização do leitor, apenas as unidades de sentido foram apresentadas nesse trabalho. As categorias e subcategorias seguem para apresentação e discussão a seguir.

Categoria Fim (21 unidades de registro)

a) *Fim de uma experiência* (13 unidades de sentido)

Esta categoria apresenta a morte enquanto fim direcionado a natureza da experiência; um sentimento de imediato *se dar conta* do fim de se estar experienciando, como em um *insight*. A estrutura psicológica subjacente aos relatos psicológicos dos participantes aponta o entendimento da morte como aquilo capaz de aniquilar a



existência pontual e contínua no presente – o experienciar – e assim a vida também se apresenta nas respostas, entendida como o presente que perpassa os sujeitos:

“Morte é o final do ciclo vital, o ponto que finaliza nosso tempo como seres que produzem e são produzidos por experiência.”
(Participante 50, sexo feminino, 20 anos, 2º período).

O ato de experienciar nos relatos envolve ao mesmo tempo o sentir a experiência, sê-la, e produzi-la, por outro lado o *eidós* da morte aqui discutida é algo que não se pode sentir, nem ser e nem produzir, por estar para além daquilo que se experiencia. Ao mesmo tempo a morte é um conceito muito próximo, ligado a dicotomia da experiência e não experienciar:

“A morte é deixar de viver essa experiência. A morte é o voltar para onde viemos, voltamos a ser partícula.” (Participante 14, sexo feminino, 26 anos, 13º período).

A categoria dialoga tanto com a obra de Viktor Frankl (1986; 2016/1946), ao assumir o fim da possibilidade de agir e produzir sentido, e também discursa com o atestado por Heidegger (2013/1927), ao assumir na morte o encontro absoluto com o nada e a impossibilidade de ser e estar diante dos entes do mundo. As estruturas psicológicas desta categoria, no entanto, se travam em tais conceitos e não avançam para o que se pode fazer disso em vida. O impacto da realidade limitante da morte não esclarece sobre as possíveis implicações decorrentes para a vida nos relatos.

b) Fim de um corpo físico (8 unidades de sentido)

A estrutura psicológica na subcategoria contém a percepção de que morrer envolve o final do processo corpóreo, onde não havendo mais a continuidade das funções do organismo, a morte se faz presente naquele corpo, tomando o lugar do que antes era vivo pela funcionalidade do organismo.

A morte enquanto fim convida ao uso de terminologias científicas, preconizando a perspectiva biológica e se aproxima de um evento que tem seu acontecer na realidade material enquanto uma via possível para delimitar o sentido da morte:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

“A morte é o fim da vida humana. Não acredito em vida após a morte ou espíritos. Para mim, quando alguém morre, o corpo dela se esvai e pronto.” (Participante 08, sexo feminino, 19 anos, 2º período).

Em algumas unidades de sentido, como em P. 8, a degradação do corpo físico é suficiente para indicar a forma monística de prevalência da matéria sobre suas conceituações espirituais. Esta perspectiva biológica da morte se afina com as transformações da sociedade contemporânea, de uma morte interdita, pertencente ao hospital, onde a causa da morte está apoiada no saber biomédico e a incapacidade da equipe médica de curar um organismo (Ariès, 2012).

Contudo, os relatos da subcategoria *fim de um corpo físico* tendem a se ampliar para compreensões complementares sobre o sentido de morte, expandindo sua estrutura psicológica. Neles, é possível verificar que os participantes apontam para conceituações adicionais do que seja a morte, além da concepção materialista:

“A morte é o fim. É onde a vida acaba e onde os organismos param de funcionar.” (Participante 9, sexo feminino, 20 anos, 4º período).

O relato se prossegue:

“Novos organismos só nascem, pois, os anteriores, se foram e isso é perfeitamente mutável. A morte, apesar de tão temida na sociedade ocidental, é necessária para o surgimento de novas possibilidades e nova vida.” (Participante 9, sexo feminino, 20 anos, 4º período).

Percebe-se que para P.9 a morte é o fim do corpo físico, mas não se encerra aí, implicando consigo um ciclo e continuidade. Este trecho reabre ao debate achados de Testoni et al. (2018) em estudantes de psicologia e serviço social da Itália, Estados Unidos da América, Japão e Índia. No trabalho, que fez uso de dados qualitativos submetidos a análise de conteúdo sem, porém, uma análise qualitativa exaustiva, argumenta-se uma contradição paradoxal nos achados, onde um terço dos estudantes ateus tiveram suas perspectivas de morte enquadradas como continuidade. Foi



hipotetizado que a contradição seria originada de uma herança religiosa enraizada na cultura.

Também o presente artigo encontra na subcategoria *fim de um corpo físico* uma ambivalência similar (ausência de espiritualidade e fim do corpo físico *versus* sentidos de continuidade). Esta contradição é desfeita pela abertura para análise mais criteriosa do dado qualitativo, revelando-se que mesmo para os alunos de psicologia que acreditam no fim de um corpo físico, há outras perspectivas complementares que geram noções de continuidade, ainda que não espiritual, seja pela concepção de ciclos que interligam vida e morte ou através da memória daquele que faleceu:

“É o fim de nossa jornada da vida; o encerramento do ciclo biológico do corpo; a inexistência. Poderíamos colocá-la como exato oposto da vida, contrapondo a existência com a inexistência, embora a eventual lembrança dos seres que nascem seja de certo modo uma perpetuação da sua vida.” (Participante 27, sexo Masculino, 2º período).

Então, é importante dizer que a visão de morte enquanto um fim unicamente material está presente nos achados, mas também está presente o fim material acrescido de outras visões. De igual maneira, os achados categorizados a seguir como *“vida espiritual após a morte”* indicam os demais direcionamentos propriamente pautados na continuidade espiritual. A existência destas ambivalências apenas revela a riqueza de tensões em torno do desenvolvimento de concepções para morte entre estudantes de psicologia.

Categoria *Continuidade* (27 unidades de registro)

a) *Vida espiritual após a morte* (12 unidades de sentido)

Esta subcategoria reflete a crença de uma continuidade espiritual da vida, ou a emergência de uma nova forma espiritual para esta vida. Por vezes, os relatos trazem de que maneira esta vida seguiria seu prolongamento. A estrutura psicológica nos



protocolos envolve o entendimento de que a morte não expressa a ideia de término, mas simboliza ou demarca uma alteração qualitativa da vida para que ela siga em permanência, em novas dimensões do Ser.

Nesta subcategoria, a morte é exposta enquanto algo que figura uma continuidade sobre as possibilidades de fim, que quando apontado, indicam apenas um fim passageiro ou de alguma qualidade que se perde, como um corpo material. A perspectiva de continuidade dada pelos participantes se demonstrou variada, revelando uma pluralidade de destinos espirituais para a continuidade desta vida após a morte, inclusive implicando uma conexão entre o modo de viver hoje com a vida que se seguirá após a chegada da morte:

“A morte é um momento no qual a alma volta para Deus, vindo após a morte, o juízo. É o período em que iremos prestar contas a Deus no que se refere as nossas ações. (...) Para mim é o momento do encontro com Deus e estar eternamente com ele em regozijo.”. (Participante 17, Masculino, 23 anos, 5º período).

As concepções presentes na estrutura supracitada dialogam com a crença na imortalidade, que é discutida através de símbolos diversos capazes de traduzir os direcionamentos dados a esta vida em seu percurso contínuo de infinitude após o término da vida concreta. A perspectiva de morte ininterrupta é encontradas por Jung (2013/1934) em seu trabalho com pacientes em vista da morte, identificando-se como um dos desdobramentos onde o inconsciente, não sabendo o que é o morrer, envolve de símbolos as representações sobre a morte, como renascimento, viagem e mudança de estados.

Os achados aqui relatados também contêm a perspectiva de uma imortalidade literal através de crenças e símbolos presentes na cultura, representados pelas figuras que remetem a religiões de substratos culturais diversos, e havendo entre as vertentes cristãs menções frequentes a passagens da vida para outros estados e até reencontro com Deus:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

“Eu entendo a morte em uma linha epicurista que afirma que: “não devemos temer a morte pois quando ela existir não estaremos mais em vida.” Apesar de se [sic] um presságio desolador possui uma paz em seu significado pois é com ela em que teremos findado nossas histórias e reencontraremos o senhor [sic].” (Participante 26, sexo masculino, 20 anos, 2º período).

A nova forma de vida dialoga diretamente com o sugerido pela Teoria do Gerenciamento do Terror, atribuindo significados de imortalidade a vida humana, que surge enquanto um mecanismo de defesa contra os terrores da mortalidade originada de uma visão de mundo protetiva culturalmente construída (Solomon, Pyzszynski & Greenberg, 2015). Na perspectiva fornecida pela teoria, esta crença protetiva teria por função blindar o participante contra a ansiedade de morte, servindo como uma moderadora e também um tampão contra algo que poderia significar um ataque imediato ao indivíduo. É importante dizer que crença em um encontro/reencontro com Deus não é exclusivo de P.26, sendo um elemento repetitivo ao longo do *corpus* analisado, ecoando achados de estudos prévios com profissionais de saúde de Nascimento e Roazzi (2007), em que a morte é significada por psicólogas (também enfermeiras e médicos) como retorno às origens, à casa paterna, a Deus.

Categoria *Impacto Afetivo* (26 unidades de registro)

a) *Morte ansiogênica* (9 unidades de sentido)

A morte como apresentada neste registro de sentido traz consigo um caráter emocional explícito, provocadora de sentimentos aversivos nos relatos. Morte implica em deparar-se com concepções indesejáveis que causam alguma forma de prejuízo à concepção de vida defendida nos protocolos, acompanha-se uma figuração que envolve o cenário emocional da tristeza e a ansiedade, inerentes a esta uma estrutura psicológica da subcategoria:

“É escapar, não cumprir com afínco, falsear, artificializar, os meus objetivos principais. Sempre me dá



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

um peso na consciência e uma angústia pois não me permite fazer o meu dever; o que me causa satisfação é a realização intrínseca” (Participante 19, sexo masculino, 22 anos, 8º período).

Também:

“É dolorosa de ver. Nos lembra de nossa finitude, impermanência, carne. Estamos mais próximos da terra do que de qualquer ideal de homem divino que o homem venha a alimentar. É um golpe narcísico. É lidar com a impossibilidade de completude. É uma pausa repentina.” (Participante 15, sexo feminino, 25 anos, 7º período).

As concepções do que seja a morte são diferentes entre si, porém é comum a todas elas a valia negativa.

É típico o uso de elementos invariáveis que indicam certa disposição emocional de alguns participantes diante da ideia de morte, como a tristeza, e, por outras vezes, o próprio sentimento é depurado pelos participantes, como na ansiedade para mudar eventos passados (P.25) ou a ideia de desilusão (P.15). Estes sentimentos engatilhados pela ideia de morte entram em concordância com o sentimento geral de desconforto entre os estudantes para discutir o tema, como descrito por Casarin e Carnicheli (2018). Similar aos achados de Aquino et al. (2010), a morte é referida com ansiedade quando associada a sentimentos de fracasso em projetos pessoais, como em P.15 e P.19.

Entre os relatos ansiogênicos é possível notar que a morte cai em contraste de personalidade (minha morte induz divagações ansiosas) e impessoais (a morte é presente na cultura e não tenho controle sobre os sentimentos direcionados a ela):

“Na nossa cultura em comparação as outras é um momento infelizmente triste que é marcado pelo sentimento de perda e subitamente a vontade de querer voltar no tempo e mudar alguma coisa. Por isso, acho que não deveríamos ver a morte desse jeito mas é praticamente impossível na minha cultura uma vez que



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

isso é deveras reforçado por todos os meios de comunicação como exemplo as novelas da TV aberta que geram comoção social.” (Participante 25, sexo masculino, 18 anos, 2º período).

Para P.25 há um grau de conscientização sobre o papel da mídia em dizer o que é morte ao assumir que existem concepções negativas da morte vinculadas na cultura midiática, indo de encontro às recentes investigações sócio-comportamentais sobre o papel da aprendizagem observacional na modelagem dos comportamentos e atitudes de acordo com o que se exhibe pelos modelos apresentados na mídia (Molaie & Abedin, 2011; Kim et al., 2013; Hagihara, Miyazaki & Abe, 2012). Ainda é relevante discutir que para P.25 a cultura e as mídias são um meio unicamente negativo para discutir a morte, denunciando um determinismo cultural, algo que Molaie e Abedin (2011) discordam ao demonstrarem o impacto positivo de filmes sobre a experiência de enlutamento em psicoterapia com jovens enlutados, assim tornando evidente a importância do cinema enquanto ferramenta terapêutica de aprendizado observacional e construção de melhores estratégias de *coping* nestes indivíduos.

Cabe apontar o trabalho de Klüber-Ross (1996/1969) em sua defesa da tanatologia enquanto estudo fundamental durante a formação de profissionais de saúde e a apontada necessidade de problematizar e situar a contextualização histórica da morte e do morrer em nossa sociedade (Klüber-Ross, 1996/1969; Kastenbaum, 2000) que opta por defesas psicológicas ao retratá-la como indesejada, evitada, mórbida, macabra, verdadeiro objeto persecutório, como encontrado nas imagens terroríficas do estudo de Nascimento e Roazzi (2008) com as imagens mentais da morte relatadas por psicólogas, enfermeiras e médicos (ex., caveira com foice, cadáver na mesa de dissecação, entre muitas outras imagens de igual teor ansiogênico).

b) *Luto* (8 unidades de sentido)

A categoria identifica unidades de sentido que versam principalmente sobre os estados afetivos vivenciados diante da morte do outro ou mesmo a sua possibilidade. A estrutura psicológica subjacente apresenta a morte como elemento eliciador de



sofrimento psíquico, acompanhada pela elaboração individual deste fenômeno. São evocadas implicações na vida cotidiana, memórias ou através do exercício imaginativo, todos estes elementos situam a compreensão dos sentimentos voltados ao fenômeno de perda nos relatos, por vezes com a aceitação e enfrentamento ou o temor.

A perspectiva de luto em algumas unidades de sentido (como está sutilmente exposto na vivência de P.41), se enquadra no teorizado por Freud (2013/1917) enquanto um evento de perda do objeto investido por libido:

“Não entendo o porquê termos tanto medo de morrer. Acho que é por causa do contato que talvez não seja mais direto ou pela xícara de café com biscoito maisena que não vai ter o mesmo significado. Nada nunca é o mesmo. Acho que o medo vem daí, da perda de coisas e pessoas únicas.” (Participante 41, sexo feminino, 18 anos, 2º período).

Para P.41 a morte é uma perda e esvaziamento de significados cotidianos atribuídos a coisas e pessoas, algo que ela descobre ser uma resposta à sua própria dúvida sobre o medo da morte. Como proposto por Freud (2013/1917), revelam-se característica de uma vivência de luto através das memórias e a dor da expectativa sofrida por aquele ego que investiu sua libido em um objeto que já não é mais presente na vida cotidiana.

Observados os relatos, os participantes não trazem de forma explícita quem ou o que foi perdido em suas respostas a pergunta *“O que é a morte para você?”* porém são constatáveis elementos emocionais envolvidas por perdas factuais em alguns relatos:

“Quando algo ou alguém se vai, o mais importante é ser grato por tudo, por cada lição e aprendizado, e se permitir sentir o luto. Todas as suas fases, toda a dor e cada lágrima. E deixar ir, e seguir.” (Participante 34, sexo feminino, 21 anos, 2º período).

Esta unidade de sentido concorda com a perspectiva progressiva de aceitação da perda descrita por Klüber-Ross e Kessler (2005), descrita por uma etapa desenvolvida



gradualmente, em um processo de adaptação a mudança permanente provocada pela perda. Há uma tendência ao reajuste por parte daquele que perde. É possível neste relato observar o entendimento da progressão da perda, iniciada pelo sofrimento psíquico complexo e duradouro para enfim ser aceito e acompanhado pelo enfrentamento, exposto neste relato por meio de lembranças reconfortantes, gratidão e aspectos positivos vivenciados junto àquilo que foi perdido.

É importante lembrar que a presença desta categoria pode concordar com os achados qualitativos de Junqueira e Kovács (2008), que constatam, por falta de preparo acadêmico, que a discussão sobre a morte faz os alunos se remeterem a situações de luto e vivências individuais, podendo evidenciar a ausência de conhecimentos adequados em respeito ao tema. Não há uma conceituação firme, apenas a experiência não tocada por lentes teóricas ainda.

Contrastante ao relato anterior, há também a perspectiva da morte do outro fantasiada, explorada imaginativamente e que traz consigo um caráter ansiogênico, que provoca medo:

“A morte para mim também é a representação de um medo, um dos meus maiores, que é perder pessoas, sobretudo, pessoas muito especiais para mim.”

(Participante 40, sexo feminino, 21 anos, 2º período).

Este medo de uma morte imaginada reflete um estágio incipiente de concepções para o medo da morte manifestada em forma de luto. O relato dialoga com os trabalhos de Klüber-Ross e Kessler (2005) pela sua proximidade ao conceito de luto antecipatório, descrito pela possibilidade de morte ou perda do outro ou de algo, e opera enquanto um esforço inconsciente da psique para preparar-se para a perda e seus impactos através de uma disposição ocupacional das perdas vindouras.



Acúmulo biográfico (11 unidades de registro)

a) *Sentido existencial* (6 unidades de sentido)

O sentido de morte apresentado na categoria é acompanhado de uma percepção inferida sobre a vida e sua valoração. A morte é discutida sob a perspectiva de uma análise existencial, como componente motivacional e valoriza a existência, construindo novas perspectivas sobre os significados do agir e da história transcorrida enquanto um recurso biográfico autorreflexivo. A estrutura psicológica desdobrada nesta categoria possui tons valorativos, observando-se a morte com proximidade imediata diante da vida, e fazendo dela uma força geradora. A morte constrói uma atitude de finalidade para a vida ou o agir, transmutando-se em propósito:

“(A morte) se trata do “grand finale” de cada pessoa humana, entendendo sua vida como um espetáculo. Dela saem os atos e somente ela sabe o que intenta com cada um deles. Me parece que a morte é o que dá sentido à vida, pois a torna única. É como diz na bíblia [sic], que Deus abreviou o tempo de vida dos humanos, pois antes por sentirem ter muito tempo se dedicavam a futilidades e deixavam as coisas que de fato importam para depois”
(Participante 52, sexo masculino, 22 anos, 11º período).

Para P.52, a abreviação da vida provocada pela morte precipita um senso de urgência, uma imediaticidade do agir, para concretizar aquilo que de outra maneira não seria necessário caso a vida fosse marcada pela infinidade do tempo existencial, num exercício similarmente exposto por Frankl (1986).

Estas notas de tempo, delimitação de vida e sentido emergem com clareza de excertos como este:

“A morte se apresenta como aquilo que define. (...) Me sentiria satisfeito com a inevitabilidade da morte, ainda que esta delimite uma vida unicamente marcada por seus projetos e o esforço no percalço para atingi-los. A morte



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

produz significado, significado final.” (Participante 6, sexo masculino, 26 anos, 11º período).

Para P.6 há um caráter de aceitação da inevitabilidade da morte, e seus projetos, ou agências, desdobram-se até onde forem possíveis em vida. Compreende-se bem a característica de que em vida o sentido é aquele que foi possível se produzir até então para uma biografia. Assim também é proposto por Frankl (1986), quando este argumenta que não é o tempo de vida ou a extensão da história que faz da vida significativa, mas sim a responsabilização dada a ela que torna a vida grandiosa. Esta aguda percepção da Morte-mestra-de-vida ou vetor de sabedoria transparece no seguinte comentário reflexivo:

“É com a morte que se aprende a viver, pois entendemos ela e aceitando-a que sabemos o valor da vida. É o agora que temos, não o anteontem, não o amanhã. Temos o que temos hoje, sem nenhuma garantia que continuaremos a ter amanhã. Então devemos aproveitar enquanto temos.”
(Participante 34, sexo feminino, 21 anos, 2º período).

A subcategoria de *sentido existencial* complementa e amplia a primeira subcategoria encontrada no trabalho da morte como o *fim de uma experiência*. As unidades de sentido aqui se ampliam para além daquela definição, e trazem consigo uma perspectiva de vida que é iluminada pela morte. Trata-se de um relato onde a morte aparenta já ter sido previamente analisada pelo participante num horizonte temporal de seu ser, havendo um salto atitudinal através de disposições que norteiam a vida. Coincide aqui com a obra de Heidegger, ao pensar o homem como um *dasein* que está no mundo, possuindo um modo de existir próprio e recorrendo à morte para firmar a autenticidade em sua existência. Cabe ao *dasein* perguntar pelo seu ser e reposicionar-se enquanto ser-para-morte. Esta morte estará a todo momento em seu percalço, enquanto o ameaça de um dia não ser mais capaz de apreender os seres e entes do mundo (Heidegger, 2013/1927). Em complemento, na estrutura desta subcategoria, a morte é instrumentalizada e urge criar na vida um sentido, como já demarcado na obra de Frankl (1986). Cria-se na perspectiva de morte enquanto sentido existencial uma nova



identidade para aquilo que é vivenciado, e se valora qualitativamente o percurso da vida.

Considerações finais

A formação em psicologia envolve um longo percalço de reflexões sobre a vida, o cuidado e os valores profissionais que são fundamentais para o êxito futuro dos graduandos diante da ampla abrangência de demandas no cotidiano do psicólogo em diferentes contextos de atuação. Sendo assim, a graduação busca preconizar conteúdos que favoreçam um olhar dedicado a pluralidade da vida, os colocando diante de reflexões subjetivas, sociais e existenciais. A morte enquanto pauta na graduação é muitas vezes negligenciada (Casarin & Canicheli, 2018; Junqueira & Kovács, 2008; Kovács, 2016), e deste modo, o preparo dos estudantes para o confronto com a morte, envolvendo concepções do que seja morte e morrer, se dão de modo silencioso e pouco encorajado.

Por esta razão, a pesquisa apresentada teve por objetivo documentar em viés fenomenológico e abrir à apreciação publicamente aos operadores da psicologia, em especial, docentes e discentes em formação, os possíveis sentidos de morte entre alunos da graduação em psicologia, revelando a dimensão de seu conhecimento e ideias próprias sobre o tema através de análise fenomenológica psicológica descritiva.

Em meio às estruturas psicológicas averiguadas, encontram-se importantes categorias que refletem construções culturais, como a subcategoria de Vida Espiritual Após a Morte e suas possíveis continuidades, porém, em contraste, também foram aferidas categorias de Fim de Uma Experiência e Fim de Corpo Físico, ambas voltadas ao encerramento imediato. A tensão entre estas categorias merece ser mais bem apurada em estudos futuros de caráter qualitativo, visto a riqueza da dicotomia sobre a morte envolvendo a espiritualidade e o seu potencial nos indivíduos para tamponar ou eliciar ansiedade. A categoria de Impacto Afetivo também recebeu uma representação contemplada em subcategorias de luto e ansiedade frente a morte, revelando entre os alunos de psicologia a disposição para versar aspectos emocionais envolvidos no tema. Ainda foram verificadas categorias de reflexão intimista diante da morte, como explicitado nas estruturas psicológicas sobre a construção de Sentido Biográfico, que



discute o impacto direto sobre o valor existencial da vida quando a morte é evocada. Vale apontar a pesquisa de Nascimento e Roazzi (2008) sobre imagens da morte realizada com psicólogos hospitalares, onde averiguou-se a presença de imagens de morte categorizadas como transformação. O presente artigo amplia os horizontes temáticos e semânticos do achado e rastreia outras maneiras de representar a morte nas unidades de sentido encontradas, apontando para uma grande variedade do fenômeno no início da formação do psicólogo.

Apesar da pluralidade de categorias obtidas, o estudo apresentado não pôde exibir exaustivamente todas as categorias e subcategorias psicológicas presentes em sua base de dados analisada, sendo necessário também expandir o interesse para discutir os sentidos de morte com menor representação numérica entre os participantes, como os sentidos cíclicos, os indiferentes e os de aniquilação. Cabe a sugestão de trabalhos idiográficos futuros mais extensos, com base empírica alargada, para melhor descrição dos sentidos de tais perspectivas de morte.

Os achados da pesquisa também convidam a novas publicações sobre o tema de forma ampla, mapeando os possíveis sentidos de morte em outras graduações, bem como a comparação dos sentidos de morte entre alunos de diferentes cursos. Seria de grande interesse também um olhar longitudinal do tema nesta população para expor o desenvolvimento dos sentidos de morte durante a graduação e também comparativamente aos egressos, trabalhando-se um nível fenomenológico, discursivo e cognitivo. É importante ressaltar o valor do método fenomenológico psicológico descritivo enquanto instrumento qualitativo capaz de ir ao encontro ao aspecto mais essencial dos relatos obtidos para fins expositivos da pluralidade de vivências encontradas, ressaltando o grande valor heurístico no ambiente científico nacional onde faltam olhares mais profundos sobre a morte e outros assuntos nos estágios iniciais da formação de psicólogo, ou seja, em seu momento da graduação.

É importante acrescentar que, devido à falta de discussões sobre morte no curso de psicologia, a pluralidade de crenças religiosas, pluralidade de origens socioculturais, pluralidade de gêneros e idades, e outros fatores, não se pode enquadrar a perspectiva de morte como algo único e padronizado como muitas vezes é visto nos significados de morte para grupos de determinadas denominações religiosas. Seguido desta observação,



quando pensamos nos sentidos de morte para estes alunos no futuro, cabe indagar quais seriam os sentidos de morte compatíveis à atuação do psicólogo que inevitavelmente irá se deparar no cotidiano com a morte, o morrer, o suicídio e o luto. E para além da importância da perspectiva de morte possuída pelo profissional e seu conhecimento do tema, como estes psicólogos poderiam lidar de forma protetiva com a presença da morte em suas vidas?

Referências

- Aquino, T. A. A., Serafim, T. D. B., Silva, H. D. M, Barbosa, E. L., Cirne, E. A., Ferreira, F. R., & Dantas, P. R. S. (2010). Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: Um estudo correlacional. *Psicologia Argumento*, 28(63). Recuperado em 21 de outubro de 2020, de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20069>
- Ariès (2012). *História da Morte no Ocidente*. (Edição especial, P. V. Siqueira Trad.), Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977)
- Bandura, A. (1977) *Social learning theory*. New Jersey: Prentice-Hall
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company
- Barbosa, L. H., & Carvalho, I. (2016). A perspectiva de residentes sobre a morte e seu reflexo na relação com os pacientes. Rio de Janeiro: *Revista da SBPH*, 19(2), 107-128. Recuperado em 21 de outubro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Becker, E. (1973). *The denial of death*. New York: The Free Press.
- Benight C.C., Flores, J., & Tashiro T. (2011, fevereiro) Bereavement coping self- efficacy in cancer widows. *Death Studies*, 25, 97–125 doi:[10.1080/07481180125921](https://doi.org/10.1080/07481180125921)
- Casarin, R. G., & Carnicheli, E. K. R. N. (2018). O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. *Revista Científica Da Faculdade De Educação e Meio Ambiente*, 9(1), 301-319. doi:[10.31072/rcf.v9i1.516](https://doi.org/10.31072/rcf.v9i1.516)
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 209-216. doi:[10.1590/S1413-294X2006000200010](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010)
- Doll K., Kereakoglow S., Sarma A. R. & Hare J. (2008, outubro) Using students` journals about death experiences as a pedagogical tool. *Gerontology & Geriatrics Education*. 29(2), 124–138. doi:[10.1080/02701960802223183](https://doi.org/10.1080/02701960802223183).



- Eckerd, L. M. (2009) Death and dying course offerings in psychology: A survey of nine midwestern states. *Death Studies*, 33(8) 762–770. doi: 10.1080/07481180902961211
- Feifel, H. (1974) Psychology and the death- awareness movement. *Journal of Clinical Child Psychology*, 3(2), 6-7, doi: 10.1080/15374417409532560
- Ferreira, R. A., Lira, N. P. M., Siqueira, A. L. N., & Queiroz, E. (2013). Percepções de psicólogos da saúde em relação aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes diante da morte. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(1), 65-75. Recuperado em 21 de outubro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100005&lng=pt&tlng=pt
- Frankl, V. E. (1986). *The doctor and the soul*. (3ª ed., R. Winston & C. Winston, Trad) New York: Random House. (Obra original publicada em 1946)
- Frankl, V. E. (2016). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração* (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trad.). 39ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1946).
- Freud, S. S. (1950). *Além do princípio do prazer*. (2ª ed., J. Strachey, Trad) Londres: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. S. (2013). *Luto e Melancolia*. (1ª ed., M. Carone, Trad.) São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917)
- Fry, P. S. (2003). Perceived self-efficacy domains as predictors of fear of the unknown and fear of dying among older adults. *Psychology and Aging*, 18(3), 474–486. doi: [10.1037/0882-7974.18.3.474](https://doi.org/10.1037/0882-7974.18.3.474)
- Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., Rosenblatt, A., Burling, J., Lyon, D., & Pintel, E. (2004) Why do people need self-esteem? A theoretical and empirical review. *Psychol Bull.*, 130(3), 435-68. doi:10.1037/0033-2909.130.3.435
- Hagihara, A., Miyazaki, S., & Abe, T. (2012). Internet suicide searches and the incidence of suicide in young people in Japan. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 262(1), 39-46. doi:10.1007/s00406-011-0212-8
- Heidegger, M. (2013). *Ser e Tempo*. (8ª ed., M. S. B. Schuback Trad.) Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1927)
- Husserl, E. (1983). *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy*. (F. Kersten Trad.). The Hague: Martinus Nijhoff Publishers. (Obra original publicada em 1913).
- Jung, C. G. (2013). A alma e A Morte. In *A natureza da Psique*. (5ª ed., M. R. Rocha Trad.) Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1934). Recuperado em 21 de outubro de 2020, de <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/05/jung-c-a-natureza-da-psique.pdf>



- Junqueira, M. H. R., & Kovács, M. J. (2008). Alunos de Psicologia e a educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(3), 506-519. doi:10.1590/S1414-98932008000300006
- Kastenbaum, R. (2000). *Psychology of Death*. (3a ed.) New York: Springer Publishing Company.
- Kim, J. H., Park, E. C., Nam, J. M., Park, S., Cho, J., Kim, S. J., Choi, J.W., & Cho, E. (2013, dezembro). The Werther effect of two celebrity suicides: An entertainer and a politician. *PLOS ONE*, 8(12), doi:10.1371/journal.pone.0084876
- Klüber-ross, E., (1996) *Sobre a Morte e o Morrer*. (7a ed., P. Menezes Trad.), São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1969)
- Klüber-ross, E., & Kessler, D. (2005). *On grief and grieving: Finding the meaning of grief through the stages of loss*. New York: Scribner
- Kovács, M. J. (2014). A caminho da morte com dignidade no século XXI. *Revista Bioética*, 22(1), 94-104. Doi:10.1590/S1983-80422014000100011
- Kovács, M. J. (2016). Curso Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 36(91), 400-417. Recuperado em 04 de mar • o de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200010&lng=pt&tlng=pt.21
- Medeiros, L. A., & Lustosa, M. A. (2011). A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. *Revista da SBPH*, 14(2), 203-227. Recuperado em 04 de março de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Molaie, A., & Abedin, A., (2011). Effectiveness of group movie therapy (GMT) on reduction of grief experience intensity in bereaved adolescent girls. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, 5(1), 25-32. doi:10.1016/j.sbspro.2010.07.194
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2007). A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 435-443. doi:10.1590/S0102-79722007000300011
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2008). Polifasia cognitiva e a estrutura icônica da representação social da morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 499-508. Doi: 10.1590/S0102-79722008000300019
- Smith, R. (1998). Memento mori. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, 3(3), 45-57.
- Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynki, T., (2015). *The worm at the core: on the role of death in life*. New York: Random House.
- Testoni, I., Iacona, E., Fusina, S., Floriani, M., Crippa, M., Maccarini, A., & Zamperini, A. (2018). “Before I die I want to ...”: An experience of death education among



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

university students of social service and psychology. *Health Psychology Open*, 5(2), 205510291880975. doi:10.1177/2055102918809759

Recebido 20/11/2020. Aceito: 14/12/2020.

Autores

Alexsandro Medeiros do Nascimento - Professor Membro Permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva – PPGPC, Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do *Laboratório de Estudos da Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self – LACCOS / UFPE*.

E-mail: alexmeden@gmail.com

Henrique Augusto Brust de Jesus - Psicólogo, membro do *Laboratório de Estudos da Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self – LACCOS / UFPE*.

E-mail: henriquebrust@hotmail.com.

Antonio Roazzi - Professor Membro Permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva – PPGPC, Universidade Federal de Pernambuco.

Departamento de Psicologia

Universidade Federal de Pernambuco

Laboratório de Estudos da Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self – LACCOS / UFPE

E-mail: roazzi@gmail.com.